

Educação infantil transformadora: pedagogia, direitos e inovação

Transformative early childhood education: pedagogy, rights and innovation

Ana Beatriz Souza Cerqueira

acerqueira@alunos.utfpr.edu.br
orcid.org/0000-0002-2736-7174

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

Noemi Sutil

noemisutil@utfpr.edu.br
orcid.org/0000-0003-3095-3999

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

Cristina Mesquita - Professora (ou ativista) em defesa da pedagogia baseada nos direitos éticos dos bebês e crianças da Educação Infantil, qualidade dos ambientes educacionais e transformação praxiológica.



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada. Disponível em: www.cited.pt.

PALAVRAS-CHAVE: Direito à participação. Transformação praxiológica. Educação Infantil. Formação Inicial.

KEYWORDS: Right to Participation. Praxiological transformation. Early Childhood Education. Initial training.

APRESENTAÇÃO

A realização desta entrevista originou-se da interlocução acadêmica estabelecida em 2024 entre as entrevistadoras, sendo uma delas doutoranda e a outra sua orientadora, e a Prof.^a Dr.^a Cristina Maria Mesquita, que é coorientadora. Essa aproximação foi viabilizada por meio de um edital de internacionalização da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. No contexto dessa colaboração, a doutoranda desenvolveu um estágio no Centro de Investigação Transdisciplinar em Educação e Desenvolvimento (CITED), da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, sob a coordenação da entrevistada. Essa interação acadêmica favoreceu o intercâmbio e o aprofundamento dos estudos em comum, resultando no convite para a participação no Programa de Pós-Graduação em Formação Científica, Educacional e Tecnológica (PPGFCET/UTFPR) e na realização da presente entrevista.

Cristina Mesquita, nascida em Bragança, no norte de Portugal, é referência internacional (África, Brasil, Espanha, São Tomé e Príncipe, etc.), no campo da Educação Infantil, pois transcende a visão tradicional e incorpora uma perspectiva holística e de inovação da educação, além de suas contribuições acadêmicas. Doutora em Estudos Infantis pela Universidade do Minho e Mestre em Ciências da Educação pela Universidade de Lisboa, é Professora Associada no Instituto Politécnico de Bragança (IPB), também dirige e coordena o Centro de Investigação Transdisciplinar de Educação e Desenvolvimento (CITED), é Vice-Presidente da Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI) Portugal, tem uma atuação política e ética em defesa da transformação praxiológica para uma Educação Infantil de qualidade e pela promoção de uma educação inclusiva, participativa e equitativa para os bebês e crianças do seu país e do mundo.

No CITED, coordena e apoia projetos que envolvem práticas pedagógicas diferenciadas, alinhadas à pedagogia em participação, sendo referência de como a pesquisa acadêmica pode servir de base para a transformação dos processos educacionais. Suas publicações científicas, amplamente disseminadas em livros, revistas acadêmicas de prestígio, conferências e seminários reforçam sua posição como uma liderança intelectual no campo da educação, ao fomentar discussões sobre qualidade educacional, práticas baseadas em evidências e metodologias inclusivas.

Esta entrevista teve o propósito de explorar e compreender como as abordagens inovadoras adotadas pela investigadora podem influenciar as políticas educacionais e a formação de professores, especialmente no contexto da primeira infância. Envolve o propósito de identificar como a prática reflexiva e colaborativa impulsionada pela investigação-ação pode promover mudanças significativas no campo da educação e no desenvolvimento integral das crianças.

Os assuntos abordados na entrevista foram:

- Pedagogia Baseada em Direitos;
- Transformação Praxiológica;
- Formação Docente e Inovação Pedagógica;
- Investigação-Ação como Ferramenta Transformadora;
- Legado e Futuro.

A entrevista realizada com a Profª Drª Cristina Mesquita, uma personalidade das ciências humanas, propicia uma oportunidade aos pesquisadores, profissionais da infância e gestores educacionais a refletirem e compreenderem a práxis que pode transformar e impactar diretamente a qualidade da Educação Infantil, proporcionando ambientes educacionais mais inclusivos, justos e integradores e, por consequência, a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

Mesquita, C. (2007). *Educador de infância: teorias e práticas*. Profedições. <https://bibliotecadigital.ipb.pt/entities/publication/38e25aaa-a138-448a-8c37-18443bf4c231>

Mesquita, C. (2013). *A voz da criança sobre a inovação pedagógica* (Tese de doutorado). Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/10198/13791>

ENTREVISTA

1. Professora Doutora Cristina como foi o seu encontro com Pedagogia em Participação?

A minha educadora da infância, que depois foi minha colega, disse-me que eu queria ser educadora, isso não está na minha memória, eu me descubro na Educação da Infância e a paixão ainda no curso. Fui a melhor aluna da turma, tinha um interesse muito grande por tudo que era desconhecido, conheci pela primeira vez o modelo participativo, através do livro “A criança e a ação” do Modelo High Scope. Porém, queríamos um modelo de intervenção social e valorização da Educação da Infância não apenas em uma perspectiva educativa, mas para a promoção social das crianças e de suas famílias. Assim, começa o trajeto como educadora da infância, sempre na rede pública, em uma Ilha do Arquipélago dos Açores, por 12 anos, e queria continuar a estudar.

A Licenciatura de História e Ciências Sociais alargou-me a minha visão sobre a sociedade e também sobre as crianças enquanto ser histórico e cultural, como dizia Vygotsky, que é uma dimensão que às vezes não a compreendemos, proporcionando a compreensão do que significa sermos pessoas com uma história, construção de uma identidade, com uma cultura e como isto está relacionado com educar crianças, trabalhar com famílias, estar em uma ilha rural ou numa ilha urbana. E faz com que se percebam diferentes nuances, permitindo fundamentá-los e questioná-los sob outra perspectiva.

Eu queria estudar a construção da infância nos meios rurais e em meios que não tinham tanto acesso ao desenvolvimento das crianças. Esse era um dos estudos que poderia viabilizar para a velhice, mas em 2001 fiz um concurso para o ensino superior para atuar na supervisão pedagógica e apoiar os estudantes, que serão educadores. Nessa altura percebi que seria muito pouco, para poder apoiar os meus alunos eu precisava saber mais, portanto, fui fazer um mestrado na área

de formação de professores, muito focado naquilo que é formação de educadores da infância.

A minha dissertação de mestrado é o resultado de minha preocupação, pois achava que a formação inicial era o momento chave, fundamental para aquilo que é ser educador de infância, mas percebi que não é bem verdade, eu compreendi que os contextos por onde eles passavam eram mais formadores do que eu e do que aquilo que nós desenvolvemos aqui. O meu estudo revelou que há três linhas claramente diferentes e num dos contextos de supervisão onde eu estava a nossa relação de cumplicidade eram muito grandes. E todos os nossos estudantes tiveram um impacto muito melhor, na forma de pensar e de ser na Educação da Infância.

Então, era necessário transformar os contextos, fazer com que os educadores da infância atuantes quisessem ser e fazer diferença, e não só contribuir para a formação dos nossos estudantes e ter impacto nesta formação para o futuro, mas também na vida das crianças e na vida dos pais e das famílias. Por esse motivo desenvolvi um projeto de investigação-ação com duração de seis anos. O processo foi complexo e moroso, mas aprendi muito com eles e indiretamente com as famílias, assim tenho procurado fazer em algumas formações menores, em algumas investigações as quais oriento nessa linha de trabalho.

Na vice-presidência da APEI, surge uma pedagogia centrada nos direitos das crianças, com foco em duas questões principais: a participação das crianças como um direito fundamental e o papel dos educadores em garantir essa participação. Baseada no modelo de Laura Lundy, essa pedagogia reconhece que a participação não é apenas um direito, mas exige a ação ativa dos adultos envolvidos. Além disso, a Convenção sobre os Direitos da Criança traz artigos que devem ser analisados à luz desse direito à participação. A criança não possui um “ofício”, ela é essencialmente uma criança, e as crianças, no plural, são únicas e irrepetíveis. Esse entendimento reforça a ideia de que a pedagogia deve ser holística, considerando o desenvolvimento de cada criança de forma individualizada, respeitando suas particularidades e características únicas.

A criança nos surpreende quando somos capazes de escutá-la, mas essa escuta deve ir além de ouvir; é preciso devolver à criança o que foi escutado. Ela deve influenciar não apenas as práticas pedagógicas, mas também as decisões dos educadores, tornando-se uma verdadeira audiência das crianças. Para isso, é essencial criar espaços participativos, um grande desafio para os educadores e para a pedagogia dos direitos da criança. Em sociedades democráticas, onde se busca a participação cidadã, a escola, como defende Dewey, deve ser um laboratório social, onde as crianças, como cidadãs ativas, contribuem para a construção de seu conhecimento e da própria ação pedagógica, o que transforma todos os envolvidos, inclusive os educadores.

2. Nesta perspectiva, como você entende o papel da criança na Educação Infantil e a importância da relação dela com os outros, especialmente no que concerne ao respeito e à participação ativa?

Refletindo sobre o papel da criança nas práticas educativas, vejo que ela não pode ser apenas objeto ou sujeito, mas sim uma participante ativa e co-

construtora do seu aprendizado. Ao falarmos de uma pedagogia centrada na criança, é importante evitar uma visão excessivamente individualista, que poderia resultar na criação de “pequenos reis”. A criança precisa aprender a viver com os outros, respeitar o outro, sem sentir isso como uma perda, mas sim como um ganho. Esse conceito de respeito é desafiador, especialmente porque a criança, no início, tende a ver o mundo como algo que deve servi-la.

A transição para esse entendimento só é possível por meio do diálogo, da argumentação e da participação. Devemos criar espaços onde a criança se envolva nas suas quatro dimensões de participação: cognitiva, emocional, social e prática. Isso implica reconhecê-la não apenas como receptora de conhecimento, mas como co-construtora de seu processo de aprendizagem, respeitando a complexidade das relações com o mundo ao seu redor.

O desafio está em proporcionar à criança a compreensão de que, ao respeitar o outro, ela não está se privando de algo, mas ganhando em termos de crescimento e desenvolvimento pessoal. É fundamental que o ambiente educacional seja participativo e colaborativo, permitindo que a criança compreenda a importância da convivência, do respeito mútuo e da colaboração.

3. Como o encontro pessoal com a professora Júlia Oliveira Formosinho e o contato com outros autores, como Dewey, Bruner, Vygotsky, Malaguzzi e Paulo Freire, influenciaram a sua compreensão da pedagogia da infância, especialmente no que diz respeito à pedagogia participativa, ao processo de autoconhecimento e transformação que vivenciou ao longo de sua trajetória?

Na pedagogia da infância, minha aprendizagem começou no diálogo com quem mais sabia sobre o tema, como os autores que me influenciaram, especialmente a professora Júlia Oliveira Formosinho, minha orientadora de doutorado, cuja influência foi fundamental desde antes de ser minha orientadora. Lembro-me da emoção intensa ao conhecê-la pessoalmente, o impacto de suas ideias me levou a uma compreensão mais profunda da minha própria aprendizagem. Além dela, figuras como Dewey, Bruner, Vygotsky, Malaguzzi e Paulo Freire me influenciaram significativamente. Dewey, com suas reflexões sobre educação democrática e o papel da criança na construção do currículo, destacou a importância da pedagogia participativa e da reflexão crítica. Bruner trouxe uma nova perspectiva sobre a agência da criança, reconhecendo sua expressão e intencionalidade desde os primeiros anos, enquanto Paulo Freire me ensinou a importância da transformação dos adultos e a conscientização, vinculando a educação à criação de sociedades mais justas e equitativas. Por fim, Loris Malaguzzi, com sua pedagogia do encontro/relações, destacou a importância da interação não apenas entre crianças e educadores, mas também com as famílias e colegas, criando um ambiente educativo, colaborativo e transformador.

A pedagogia das relações ou do encontro, mais do que se relacionar com o outro, é também um processo de autoconhecimento. Desde o doutorado, a maior transformação que vivi foi como pessoa, em um constante processo de inquietação e questionamento. Embora tenha uma forma de me expressar com convicção, sou profundamente curiosa e questionadora, o que me leva a repensar constantemente o que disse ou aprendi. Esse processo de desconstrução e construção contínua, especialmente na pedagogia baseada nos

direitos da criança, exige um pensamento crítico, pois as certezas são sempre provisórias e as perspectivas, inconclusivas. A Educação Infantil precisa ser pautada pela reflexão constante dos educadores sobre si mesmos e seus papéis, sem pressa, valorizando o tempo da criança e também o nosso, pois a verdadeira ciência precisa de tempo para amadurecer e crescer.

Os educadores, ao retornarem cheios de certezas, tendem a planejar com base na convicção de que a criança aprenderá de determinada forma, muitas vezes impulsionados pela pressa com que vemos o mundo. No entanto, a criança não precisa dessa pressa; ela requer uma pedagogia da lentidão, um tempo que devemos dedicar a ela e a nós mesmos. Vivemos em uma constante corrida, sendo pressionados a escrever artigos, a publicar, mas a verdadeira ciência, assim como a educação, precisa de tempo para amadurecer, caso contrário, ela se torna apenas uma ciência focada no resultado imediato.

O resultado, muitas vezes, se torna vazio. Dizemos que algo está aprovado porque a evidência mostra isso, mas essa evidência é limitada ao momento e contexto em que foi gerada. Precisamos de uma meta-construção que leve em conta diferentes contextos e, para isso, é essencial o tempo para amadurecer, para questionar o que estamos fazendo e reconstruir os métodos de coleta de dados. Isso se aplica principalmente à prática e à ação, que exigem reflexão e tempo para um desenvolvimento mais profundo.

4. A pesquisa-ação se constitui exatamente dessa forma, e vimos como você a reflete de uma maneira tão única na sua prática, o que torna o processo realmente muito bonito. Isto está em relação à Transformação Praxiológica, seria ótimo se a professora pudesse explicar a importância da estrutura praxiológica na compreensão e transformação das práticas educacionais.

O processo de construção do meu entendimento sobre a transformação praxiológica, que claramente se fundamenta em Paulo Freire, poderia ter parado por aí, mas eu senti a necessidade de ir além, de buscar uma compreensão mais profunda. A fonte desse aprofundamento veio da filosofia aristotélica que me proporcionou uma nova visão sobre praxiologia, que é uma prática fundamentada em valores, e não em teorias vazias. Ao falar de ação prática, defendo que ela não pode ser dissociada dos valores que a fundamentam, como o respeito pela criança, que não é apenas um conceito abstrato, mas algo que se concretiza na prática cotidiana, respeitando a individualidade de cada criança, independentemente de sua origem ou contexto social. A pedagogia, assim, não deve ser apenas participativa, mas contextualizada, respeitando as transições ecológicas da criança, como exemplificado por Bronfenbrenner, reconhecendo que a ação educativa ultrapassa os muros da escola e envolve também outros contextos e futuros educadores. A educação pré-escolar, desde a sua definição em 1996, tem como objetivo formar cidadãos livres, autônomos e solidários, e isso exige uma prática educativa que promova a autonomia no pensamento, que permita à criança tomar suas próprias decisões e expressar opiniões contrárias, o que é fundamental para o progresso do mundo. Para ser solidária, a prática deve promover a cooperação, o respeito pelas diferenças e a construção de uma prática que respeite tanto a individualidade da criança quanto o seu pertencimento ao grupo. Esse entendimento também é muito influenciado pela pedagogia de Loris Malaguzzi, que traz a ideia da pedagogia do encontro, onde a

criança, o educador e as famílias se encontram em um processo de construção coletiva e respeitosa. Isso é algo que, acredito, deve ser refletido constantemente, especialmente com os pais, pois o mundo em que vivemos, influenciado pelas redes sociais e seus algoritmos, nos leva a repensar como estamos formando as futuras gerações.

5. Que lindo! É isso, temos muito a caminhar ainda, sobre esse processo, porém temos bons exemplos. E como você vê a construção de uma comunidade de prática no contexto da educação, especialmente considerando os diferentes ritmos e abordagens dos educadores? Como garantir que todos estejam realmente abertos e dispostos a essa transformação?

Construir isso é, sem dúvida, um dos maiores desafios. No meu trabalho, lidamos com duas dimensões: a de trabalhar com educadores para que estes desenvolvam uma nova visão sobre as crianças e a de respeitar os ritmos tanto das crianças quanto dos educadores. Não podemos esperar que todos cheguem ao mesmo ponto ao mesmo tempo, pois as janelas de compreensão e aprendizagem se abrem de formas diferentes para cada um. Isso ocorre porque somos seres sociais, vindos de contextos e experiências distintas, com formas de estar no mundo igualmente diversas. Portanto, para mim, a comunidade de prática deve ser um espaço de interajuda. No entanto, quando temos pessoas muito diferentes e caminhadas muito distintas, há um risco de atropelo: alguns se tornam mais respeitosos e abertos, enquanto outros podem ser pressionados, sendo questionados sobre o que fazem ou sobre a velocidade com que avançam. E isso, muitas vezes, leva à culpabilização.

6. O que seria essencial para constituir de fato uma Comunidade de Prática? Como a complexidade de lidar com educadores que estão na escola, não com o objetivo de atuar ou transformar, mas apenas para cumprir suas obrigações, enquanto outros estão abertos e dispostos a realmente se envolver e contribuir para a mudança, afeta o processo de desenvolvimento educacional e o trabalho coletivo na escola?

Quem age muitas vezes é julgado por estar a agir. E é um dos maiores desafios que enfrentamos. Algo que considero essencial é que, para estar em uma comunidade de prática, é necessário realmente querer estar ali e ter a disposição de se abrir para o processo. Caso contrário, o processo se desequilibra. Às vezes, não sabemos como alcançar certas pessoas, e, honestamente, eu gostaria que houvesse uma maneira de “entrar na cabeça” delas e mostrar que o importante não é apenas fazer, mas compreender o “porquê” de fazer. Nunca adotei a abordagem de um formador que impõe “faça assim” ou “faça assado”. Embora isso me incomode profundamente, sei que é preciso perguntar e ajudar a pessoa a encontrar a resposta por si mesma, pois é esse desconforto que leva alguém a sair da sua zona de conforto. Quando alguém se sente incomodado com uma pergunta, isso geralmente indica que ela já refletiu sobre o assunto, talvez de uma maneira inconsciente. Mas, o mais importante é forçá-la a sair dessa zona, pelo menos no campo das ideias, e isso é positivo. Porém, sempre devemos evitar dar respostas prontas. O que devemos fazer é apoiar o processo de busca da resposta. A comunidade de prática é, acima de tudo, um processo, e é difícil até nomeá-lo. É uma maneira de trabalhar que exige muito de quem forma, mas

muito mais de quem está na comunidade. Portanto, se a pessoa não tiver um espírito aberto, flexível e disponível para mudar ou ouvir, será muito difícil avançar.

7. Em relação a essa temática, poderia expressar se existe um posicionamento ideológico, considerando a sua prática educativa e a visão humanista que defende?

Quando me perguntam sobre a minha orientação ideológica, especialmente em contextos como a disciplina “Espaço e Sociedade”, na qual atuo, onde os alunos frequentemente questionam se sou de direita ou de esquerda, costumo responder que não me enquadro em nenhum desses rótulos. Eu sou, antes de tudo, humanista. Para mim, mais importante do que ser definida ideologicamente ou politicamente — porque a ação educacional é, sem dúvida, uma ação política — é afirmar a minha postura humanista. Claro que, dependendo da situação, posso tomar decisões que se alinhem mais com uma linha de pensamento de esquerda ou de direita, desde que isso beneficie tanto a mim quanto aos outros. Não estou falando de extremos, mas de opções que estão dentro do espectro da social-democracia, o que é, de fato, a nossa formação ideológica.

Quando observo os diretores das escolas, dos jardins de infância e das creches, vejo que a função deles não é exercer poder sobre os outros, mas sim servir à comunidade, promovendo um ambiente de cooperação. O exercício do poder deve ser sempre em benefício dos outros, e não ao contrário.

Acredito que a verdadeira essência da política está em respeitar a vontade de todos, e não apenas a vontade das maiorias. Respeitar os outros não é um desafio difícil, desde que haja espaço para o confronto construtivo, o diálogo, a negociação e a argumentação. Malaguzzi, ao abordar o conceito de bem-estar do outro, lembra-nos da importância de garantir que todos sejam respeitados e ouvidos. No entanto, essa prática é desafiadora quando estamos no exercício do poder, pois é mais fácil falar sobre aqueles que já estão plenamente formados como pessoas. O que devemos, de fato, é refletir e agir sobre aqueles que estão em processo de construção, pois são esses que devemos apoiar, cuidar e ajudar a se desenvolver de maneira plena e significativa.

8. Como você vê a importância dos projetos inovadores em sua carreira, como o CITED, e como esses projetos estão alinhados com a sua temática de pesquisa?

O Centro Transdisciplinar de Investigação em Educação e Desenvolvimento (CITED) surgiu de uma proposta anterior, com o objetivo de criar um centro de investigação focado nas especificidades da educação básica. Financiado pela Fundação para Ciência e Tecnologia e pertencente à rede nacional de centros de investigação, o centro foi fundado em 2018. Inicialmente, a proposta parecia limitar-se ao escopo da Educação Infantil, mas uma avaliação feita em 2019 apontou que o nome do centro não refletia adequadamente a amplitude de seus objetivos. A crítica enfatizou que a designação de “educação básica” não abrangia adequadamente as diferentes áreas e questões que o centro pretendia

abordar. Ao longo do tempo, o centro se expandiu, realizando diversos projetos-piloto inovadores e de impacto social, especialmente na área da Educação Infantil, com foco no sucesso das crianças e no desenvolvimento de práticas de investigação-ação em três agrupamentos de escolas.

A experiência dos projetos pilotos evidenciou que nem todos estavam prontos para a transformação. A resistência de alguns professores e direções demonstrou que, para mudar, é necessário haver um envolvimento genuíno e comprometido com a mudança, em vez de imposições externas. O CITED reconheceu que os processos de cima para baixo não funcionam, e que o sucesso vem da construção coletiva e do diálogo. Além disso, o CITED se dedicou a temas de relevância social, como a integração de crianças migrantes e ciganas nas escolas, a educação inclusiva de crianças com necessidades específicas e o apoio a mulheres migrantes em regiões como o Nordeste de Portugal. Esses temas desafiaram a comunidade educacional e mostraram a necessidade de uma abordagem mais integrada e sensível às diversidades sociais e culturais.

A visão do CITED é transdisciplinar, abrangendo diversas áreas do conhecimento, incluindo direito, tecnologia, administração pública e marketing social. A ideia é integrar profissionais e pesquisadores de diferentes áreas para abordar as complexidades da educação e do desenvolvimento social. O CITED também valoriza a arte como uma linguagem essencial para a compreensão do mundo e busca sensibilizar seus colaboradores para as diversas formas de expressão. Com projetos que abrangem desde o contexto local de Trás-os-Montes até redes internacionais como a EECERA (Early Childhood Education Conferences), o centro busca dar visibilidade à infância, uma área muitas vezes invisibilizada na sociedade, promovendo a inclusão e o respeito pelas especificidades dos territórios rurais. Essa abordagem busca não só integrar a instituição ao mundo, mas também contribuir com um olhar único sobre as realidades locais e globais, enriquecendo o campo da educação com suas pesquisas e intervenções.

9. Gostaríamos de saber como toda essa trajetória se reflete na atuação internacional, incluindo suas parcerias com escolas em diferentes locais, como Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Espanha e até no Brasil?

Este Centro de Investigação adota uma abordagem interventiva, buscando não apenas analisar, mas também interagir diretamente com as realidades que estudamos. Em São Tomé e Príncipe, estamos envolvidos há três anos em um projeto de melhoria da Educação Infantil, atuando como parceiros colaborativos. A coordenação é realizada por alguém que reside localmente, que mantém contato constante com os educadores e lidera as reuniões diárias. Esse trabalho tem gerado impacto significativo na formação dos educadores e nas políticas educacionais, com apoio do UNICEF e do World Bank Group.

Em Guiné-Bissau, após a vivência de uma de nossas colegas, identificamos a situação alarmante das “crianças Talibã”, enviadas para escolas religiosas, muitas das quais sofriam abusos. A partir de levantamento de dados e entrevistas, conseguimos traçar o percurso de 189 crianças e propor soluções de proteção. Nosso trabalho busca, além de diagnosticar, transformar as condições de vida

dessas crianças, e, embora sem financiamento direto, continua sendo realizado com forte compromisso social.

Além disso, estamos implementando um programa de formação para técnicos que lidam com crianças em situação de abuso em São Tomé, visando melhorar a sensibilidade e a formação desses profissionais. Trabalhar em São Tomé exige adaptação às suas realidades, repensando práticas pedagógicas e respeitando as especificidades locais, o que, embora enriquecedor, é desafiador devido às limitações impostas pela política local. No Brasil e Espanha temos projetos de intercâmbio universitário e programas de dupla diplomação, nos quais nossos docentes colaboram com colegas locais.

10. Ainda falando sobre inovação educacional, poderia falar um pouco sobre o seu papel na APEI, especialmente no que diz respeito a promover a valorização da Educação Infantil em Portugal, e como elas estão impactando as políticas públicas e a formação de professores na área da educação da infância - especialmente em relação às discussões, dos alinhamentos e decisões pautadas no Decreto-Lei n.º 65/2017, de 12 de junho de 2017, na inclusão da faixa etária de 0 a 3 anos no sistema educativo junto à etapa de 3 a 6 anos, consolidando a criação de um Sistema Integrado de Educação e Cuidados.

A APEI tem desempenhado um papel político importante na Educação Infantil em Portugal. Um dos marcos foi a campanha de subscrição de assinaturas, que arrecadou mais de sessenta mil apoios para solicitar mudanças nas leis do sistema educativo, visando uma inclusão mais estruturada da educação em creches (zero a três anos). Apesar do grande apoio, a proposta foi rejeitada pelo Partido Socialista, e a APEI aguarda uma nova oportunidade para retomar a discussão, destacando a importância das creches no desenvolvimento infantil e seu impacto social e econômico.

A associação também está desenvolvendo uma base de dados para demonstrar como a Educação Infantil de zero a seis anos impacta positivamente as crianças, famílias e a sociedade. Em colaboração com um Centro de Investigação, estão sendo elaborados projetos focados em evidenciar a relevância da Educação Infantil e reforçar a necessidade de um sistema educacional que abranja de forma contínua o desenvolvimento desde a infância até os primeiros anos de escolaridade.

Além disso, a APEI trabalha na reformulação do modelo de formação de professores, que atualmente é genérico e pouco especializado. Em diálogo com o Ministério da Educação, está sendo discutido um novo modelo que atenda às necessidades da Educação Infantil. O Secretário de Estado afirmou que o decreto sobre a formação será provisório, com prazo para avaliação. A crítica principal da APEI é que o currículo atual não está preparado para lidar com as particularidades da infância, comprometendo a qualidade da educação nessa faixa etária.

11. E como você vê a formação dos profissionais de Educação Infantil e a relação entre teoria e prática nesse campo?

Eu acredito que os profissionais da Educação Infantil têm formações valiosas, com currículos e experiências extraordinárias, mas o problema é que muitas vezes eles não estudam as questões da infância de forma profunda. Para desenvolver um currículo adequado, é preciso ter uma visão realista da realidade das crianças. Quando não entendemos essa realidade, não conseguimos aplicar uma prática formativa efetiva. O futuro da Educação Infantil em Portugal passa por uma formação mais focada nas especificidades da infância, respeitando a necessidade do brincar, que não deve ser limitado apenas aos seis anos. As crianças continuam a ser crianças e têm o direito de brincar, inclusive no primeiro ciclo da Educação Fundamental. A transição entre a Educação Infantil e o ensino básico precisa ser repensada, pois muitas vezes se adota um modelo de cima para baixo, em que a Educação Infantil tem que se adaptar às exigências do Ensino Fundamental, sem considerar a natureza das crianças.

Os currículos da Educação Infantil, hoje, são muito técnicos e pouco reflexivos. Por isso, em minhas disciplinas, prefiro dar menos conteúdo e focar mais na reflexão. Eu quero que os meus alunos investiguem suas práticas, questionem o que fizeram, por que fizeram, e qual o papel da criança nesse processo. Não estou buscando resultados imediatos, mas quero que eles documentem os processos e amadureçam seu pensamento. A investigação é fundamental para que eles cresçam como profissionais, com um pensamento crítico sobre as crianças e sobre a educação como um todo. A reflexão constante é a chave para essa evolução, e é isso que busco incentivar nos meus alunos.

Eu realmente não me interesso por alunos que apenas me mostrem que fizeram um trabalho técnico bem executado, como um fantocheiro maravilhoso, o que me interessa é como as crianças interpretaram esse processo, como se envolveram e qual é a qualidade da relação educador-criança. O que importa, no final, é que os alunos consigam refletir sobre as experiências, contextualizar o que aconteceu e compreender a fundo a importância do processo educativo para o desenvolvimento das crianças.

12. Ao refletir sobre o impacto de seu trabalho, o que você considera ser seu maior legado para Estudos Infantis e Ciências da Educação, que conselho você daria para as novas gerações de educadores e pesquisadores que estão começando suas trajetórias na área da Educação Infantil e qual mensagem você gostaria de deixar para os pesquisadores que têm seu caminho traçado na Educação Infantil?

Eu não sei se tenho um legado específico para deixar, porque acredito que somos todos construções de tantas outras pessoas e dos diálogos que surgem ao longo do tempo. Eu me vejo como uma pessoa inquieta e, acima de tudo, como alguém a serviço do outro. Acredito que a Educação Infantil, especialmente, é uma educação que se constrói de forma permanente. Ao olharmos para as crianças, estamos em constante reconstrução. Não se trata de uma visão

retórica; quando estou nos jardins de infância ou creches, sinto que as crianças me dão um alento. Elas nos inspiram, nos ensinam a ver o mundo de uma forma diferente. Muitas vezes, ao ver como as crianças se expressam, mesmo nas redes sociais, percebo que elas têm uma capacidade incrível de se comunicar quando têm a oportunidade de serem ouvidas e respeitadas. Não se trata de infantilizar, mas de reconhecer que as crianças podem responder às nossas questões de forma séria e que nós também devemos ouvi-las e dialogar com elas.

O conselho que daria para os novos educadores é: primeiro, não matem sua curiosidade, nem a curiosidade das crianças. Quando vão para os estágios, não devem ir com a perspectiva de apenas desenvolver atividades, mas com a curiosidade de entender quem são as crianças e como elas agem. O que realmente importa é esse processo de aprendizado e descoberta. Além disso, é fundamental que os educadores não matem a curiosidade das próprias crianças. Quando damos respostas prontas, ou esperamos que as crianças deem respostas específicas, estamos matando a sua curiosidade natural. Precisamos incentivá-las a explorar o mundo, a sentir a natureza, a brincar e a recriar o que existe ao seu redor. A criança precisa ter liberdade para explorar a cidade, a natureza, e relacionar-se com os outros. E mais do que isso, acredito que a formação de cidadãos ecológicos e humanos começa bem cedo, nos primeiros anos de vida. Respeito pela natureza, pelas diferenças e pelas outras pessoas são valores que se constroem no dia a dia da Educação Infantil, no jardim de infância e na creche. Isso é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e humanista.

Eu também me sinto muito inspirada por aqueles que chegam, mas costumo dizer que, mais do que inspirar, gosto de me sentir como aquilo que inquieta as pessoas. Eu gosto de ser a fonte de inquietação, porque acredito que essa inquietação é um sinal de que vou provocar reflexão nas pessoas, de que algo nelas será mexido e transformado.

Eu acredito que é esse movimento que leva algumas pessoas a me classificarem como “impositiva”, mas, na verdade, o que faço é levar as pessoas a questionar-se, a pensar por si mesmas, a não aceitar respostas prontas. Essa é a chave do processo: questionamento e reflexão contínuos.

BIBLIOGRAFIA DA ENTREVISTADA

Mesquita, C. (2006). *Aprender a ser educador de infância: Entre a teoria e a prática* (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10198/5152>

Mesquita, C. (2007). *Educador de infância: teorias e práticas*. Profedições. <https://bibliotecadigital.ipb.pt/entities/publication/38e25aaa-a138-448a-8c37-18443bf4c231>

Mesquita, C. (2013). *A voz da criança sobre a inovação pedagógica* (Tese de doutorado). Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/10198/13791>

Mesquita, C. (2016). The meaning of experiential learning in early childhood education: Kindergarten teacher's conceptions. Paper apresentado na

- International scientific practical conference preschool and pre-primary teachers' training issues.
<https://bibliotecadigital.ipb.pt/entities/publication/19c11005-ff9d-48a7-8945-0fc57db8a781/full>
- Mesquita, C. (2019). A importância da investigação na formação de professores primários em Moçambique. Paper apresentado na Lusoconf, 2019.
- Mesquita, C., Zedam, S., & Castanheira, L. (2020). Critical thinking and teacher's profile: Central competences in the educational process. Paper apresentado nos *Proceedings of the 5th International Conference on Teacher Education*.
- Mesquita, C. (2023). Children's voice in praxiological transformation. In *Establishing child centred practice in a changing world* (Part B, pp. 23–37). Emerald Publishing Limited. <https://www.emerald.com/books/edited-volume/11393/chapter-abstract/81267016/Children-s-Voice-in-Praxiological-Transformation?redirectedFrom=fulltext>
- Mesquita, C. (2023). The essence of the formation of research competence in the training of future teachers. *Dulaty University Bulletin*, 65–71. <https://doi.org/10.55956/JIUL1651>
- Mesquita, C. (2023). The essence of the formation of research competence in the training of future teachers. *Dulaty University Bulletin*. <https://journals.dulaty.kz/images/vipusk/dulaty/2023/4/65-71-mesquita-june.pdf>
- Mesquita, C., Ribeiro, C., & Azevedo, M. L. (2023). Children's rights during the lockdown: A study from the experiences of kindergarten teachers. Paper apresentado no ICERI2023, Valência. https://www.researchgate.net/publication/376107689_CHILDREN'S_RIGHTS_DURING_THE_LOCKDOWN_A_STUDY_FROM_THE_EXPERIENCES_OF_KINDERGARTEN_TEACHERS

AGRADECIMENTO

Agradecemos imensamente à professora pela generosidade em compartilhar, com brilho no olhar, a sua trajetória e reflexões. Falar contigo reafirma a importância de sua contribuição para os Estudos Infantis e para a ciência. Este diálogo foi enriquecedor, e temos certeza de que sua experiência será de grande valor para os leitores da revista. Agradecemos também à revista pela oportunidade de dar voz a esse processo de construção tão significativo. Que a sua inquietação continue a inspirar e mover todos ao seu redor!

Recebido: 25 fev. 2025

Aprovado: 02 out. 2025

DOI: <https://doi.org/10.3895/actio.v10n3.19986>

Como citar:

Cerqueira, A. B. S. & Sutil, N.. (2025). Título do Artigo. **ACTIO**, 10(3), 1-14.

<https://doi.org/10.3895/actio.v10n3.19986>

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0

